O VELHO JUIZ

"Todos de pé" gritou o oficial de diligências à aproximação do velho Juiz emergindo de uma porta lateral que o punha na direcção do estrado para o qual subiu cuidadosamente com os olhos onde punha os pés, fixando-os depois no tampo da secretaria onde estava o seu habitual bloco de folhas brancas e o tinteiro que já não servia há muito tempo mas ainda com vestígios de tinta seca... um instrumento inútil que tinha, porém, a preciosa função de ser o objecto focal a sua atenção quando se encontrava na sala de audiências do tribunal e precisava de reflectir.

O Juiz envolto na sua beca negra mais parecia um velho urubu cansado de olhar em busca de alguma carniça para o seu sustento, o seu semblante ausente como se estivesse ali apenas na contemplação solitária daquele tinteiro inútil que já tinha sido fonte de muitas palavras escritas, arrancadas com veemência a uma inspiração

apaixonada. Sempre que o mirava, o seu olhar baço ganhava uma quase imperceptível centelha, a passagem pela mente de alguma recordação de um passado tão esgotado como aquele instrumento ali esquecido.

O oficial de diligências com uma profunda vénia de pesada consideração que era apenas uma maquinal atitude de aproximação perante a majestade do magistrado estendeu com as duas mãos em oferenda os quatro volumes do processo agendado para aquela sessão deixando-os cair sobre o tampo da mesa rufando como um tambor a anunciar o início do julgamento.

O impacto dos processos contra o tampo da sua mesa pareceu despertar o velho Juiz da sua letargia pois o seu sobrolho franziu-se um pouco antes de se elevar à altura que ficava para lá do tinteiro, antecipando a contrariedade que a contemplação habitual da paisagem humana que o aguardava sempre lhe causava.

Nunca faltava gente curiosa de assistir à degradação dos acusados, fossem eles quem fossem, e aos discursos inflamados dos advogados de defesa e de acusação, lançados num duelo de palavras que punha tudo e todos na maior excitação. O velho Juiz ria-se interiormente daquelas alegações quantas vezes desbragadas ou despropositadas, apenas para impressionar a audiência, uma forma de angariamento de futuros clientes que por força de alguma prevaricação lhes viesse a cair na sua teia. Que lhe interessavam todas aquelas tiradas espectaculares quando era ele, com o seus olhos cansados de lerem as minúcias de volumes dos processos quem tinha de saber, afinal,

que sentença proferir. Como é que aqueles cavalheiros, que de certeza não conheciam o processo como ele, tinham a pretensão de lhe darem a volta com aquele palavreado todo que, depois de espremido, era nada...

O velho Juiz fechou os olhos num suspiro interior e abriu-os finalmente para encarar os réus a quem tinha de dirigir, pela milésima vez na sua longa vida de magistrado as mesmas perguntas: nome, idade, estado civil... e por aí fora...

Olhou os dois réus à sua frente um homem e uma mulher muito jovem... o velho Juiz não devia ter ficado surpreendido ele tinha estudado todo o processo, todos aqueles quatro volumes repletos das malfeitorias do homem sempre com a cumplicidade da jovem que aparentemente só vivia para ele e o seguia para onde fosse. O velho Juiz já se conformara com nada o surpreender, nem a maldade dos homens, ou a capacidade de enganar das mulheres, os advogados nem lhe importavam, eram uns papagaios aperaltados, narcisistas convencidos das suas proezas judiciais, tanto mais proezas quanto mais fizessem triunfar a mentira sobre a verdade dos factos... a sua amargura deixava tudo para trás, mesmo as recordações de um tempo em que fora capaz de amar e de não se importar sequer de ser enganado se esse fosse o preço de ter nos seus braços a mulher que tanto amara e que desaparecera para sempre sem deixar rasto...

Os primeiros a notar alguma coisa de diferente e de surpreendente no olhar do velho Juiz foram os advogados, habituados à sua lendária

impassibilidade, um homem incorruptível perante rogos e pedidos de amigos e pessoas próximas, mesmo dos familiares mais íntimos...

Eram conhecidos os episódios da vida do Juiz que nos seus tempos de juventude cultivara uma grande amizade com um amigo de infância, que ao contrário do Juiz pertencia a uma família de muitas posses e riquezas. Quando esse amigo casou com uma das raparigas mais belas da cidade foi uma grande festa o Juiz esteve presente e a festa foi ainda maior quando lhes nasceu uma menina que era todo o seu enlevo. O juiz não conhecia antes a mulher do seu amigo, mas judiciosamente achava que tanta formosura era um perigo, um desassossego, um atractivo ao pecado que só espera o momento para se manifestar... o que aconteceu quando se soube que aquela mulher tão linda e tão terna se fora apaixonar por outro homem vá-se lá saber porquê... um homem que vivia do seu trabalho, sem grandes posses que nem podia proporcionar à mulher e à sua filha o modo de vida a que estavam habituados. Estava lançada a guerra naquela casa até ali tão feliz, sempre a correr para as ilhas à volta da cidade nos seus barcos de recreio ou em veleiros deslizantes pela baía... e não foi preciso muito para transformar a tutela da pequenita no centro de uma contenda judicial sem tréguas. A sorte da menor foi por esses passes insondáveis do destino parar à mesa do Juiz amigo do seu pai... o que logo foi recebido com um suspiro de alívio do seu amigo que antecipadamente contava com a justa decisão a seu favor. Indubitavelmente o pai da menina adorava-a e só a via a ela embora por aqueles malefícios dos amores contrariados, a criança tivesse passado subrepticiamente a ser também o troféu na sua disputa com aquela mulher que certamente lhe não queria menos. Um dos

argumentos mais apresentados e que se procurava colar ao atendível interesse da menor era o nível social e de vida a que a menina estava habituada... particularmente os passeios de veleiro até às ilhas no fim de semana encostada ao ombro do pai, qual valoroso comandante no seu blazer azul de incrustações douradas, que a industriava no uso do leme e na arte das velas, singrando pelo mar alto com ventos brandos que preenchiam toda a fantasia dos seus sete anos de idade.

O Juiz decidira pela entrega da menina aos cuidados da mãe que ele considerava indispensáveis naquela tenra idade, fazendo descaso do mau exemplo da ligação amorosa e proibida da mãe com um Zé Ninguém que a amava e que por ela era amado. A menina poderia continuar a ir com o pai nos seus cruzeiros pelas ilhas e continuar a aprender os segredos do vento enchendo as velas brancas daquele veleiro da sua infância. Mas não era a mesma coisa, o amigo, sentiu-se derrotado duas vezes, pela mulher e pelo seu amigo de sempre e nem o amor da filha o salvou... passou a beber, alcoólico sem remédio, deixou a cidade trocando a vida social que até aí era a sua marca pela vida de interior, internando-se cada vez mais em busca de perigos e aventuras... quando voltou a encontrar a filha era esta uma senhora e o homem que fora rico agora pobre morreu de vergonha e de pena pelo tempo perdido. Não quis voltar a encontrar-se com o Juiz seu amigo de sempre a quem preferiu ignorar e se pudesse, esquecer.

Outras histórias como esta criaram essa aura de impenetrabilidade do velho Juiz que não cedia nem perante a amizade mais forte nem sob a mais perigosa ameaça. Um dia apareceu em sua casa um dos homens do governo da cidade, um homem que tinha uma reputação

de homem culto, trabalhador e honesto, embora rude no trato com as pessoas a quem não dava nem permitia grandes confianças, como aliás convinha a um homem politicamente poderoso. Era casado com uma senhora que era professora do liceu ao qual se dedicava generosamente pois o casal tinha duas filhas, uma menina mais velha de quinze anos e outra de sete ou oito anos. Por qualquer razão houve um profundo desentendimento do casal e o marido saiu ostensivamente de casa mas com a ameaça de que ela, a mãe, ficaria sem as suas filhas. O Juiz estava em sua casa a tomar a sua refeição matinal, quase sempre frugalíssima, um café, uma torrada ou uma fatia de mamão, quando o homem, no uso e abuso da sua autoridade lhe irrompeu pela casa.

"Sr. Dr. Juiz peço as minhas desculpas por esta interrupção, abrupta, mas não lhe vou ocupar muito tempo... o senhor vai ter um processo nas suas mãos para o qual só lhe peço o grande obséquio de uma decisão rápida..."

Havia certamente muitas coisas que o Juiz queria saber, mas não arriscou fazer perguntas, com receio de ouvir o que talvez não devesse e lhe retirasse a objectividade que sabia tinha de usar em todos os processos que lhe vinham parar à sua secretária. Mas, como é que ele sabia que o processo lhe ia parar às mãos? O Juiz recordou-se do outro caso do seu amigo... sempre estranhou que o processo lhe fosse distribuído, logo a ele... mas que valia pensar nisso? O que lhe importava é que qualquer processo que lhe viesse a cair em sorte ele estaria ali, sempre, para fazer justiça, doesse a quem doesse, custasse a quem custasse.

O processo daquele senhor tão importante veio realmente para sua consideração. Mandou fazer os inquéritos preliminares sobre a situação das duas meninas, as quais eram igualmente apegadas ao pai e à mãe. Os inquéritos mostravam as suas inclinações, os seus interesses, a sua ligação e dependência relativamente a cada um dos progenitores e não aconselhavam alteração da situação de facto criada pela inesperada e um pouco brutal separação dos pais. O Juiz na impossibilidade de tentar sequer uma conciliação das partes, atendendo à manifesta vontade do pai todo poderoso querer fazer avançar a máquina da justiça, manteve as duas meninas à guarda e cuidados da mãe. Pode imaginar-se a exasperação e fúria daquele pai que nunca tivera uma experiência igual ou parecida de se ver contrariado nas suas ordens ainda que fossem elas dadas sob o disfarce de delicadas solicitações.

Queixou-se do Juiz a todas as entidades competentes para exercer a disciplina sobre os magistrados não tendo sido muito bem sucedido. Tentou avançar com um pedido de suspeição com fundamento em intimidades com a outra parte... mas essa insinuação revelou-se mirabolante e malévola porque o Juiz apenas encontrara a senhora durante os escassos momentos em que a vira durante uma fracassada tentativa de conciliação a que o seu marido ostensivamente faltara. Ficara, porém, com a impressão de que era uma mulher sofredora e sacrificada à tirania e prepotência do seu poderoso marido. Este, em vez de comparecer e aceitar o convite do Juiz para um diálogo, ainda que emocional, resolveu enviar-lhe um molhe de cartas que ela lhe escrevera e que eram a prova mais do que evidente e sobeja de que a

mulher era uma doida que nunca poderia ficar com as filhas entregues aos sus cuidados pois apenas as enlouqueceria. O Juiz leu com a maior atenção e curiosidade cada uma dessas cartas, as tais que ele após a sua leitura, não teria dúvidas quanto à solução justa e adequada àquele caso. E não teve, de facto. O Juiz sempre admirou a capacidade como diferentes profissionais da lei, juízes, advogados, procuradores, até as pessoas em geral, podem chegar por caminhos sinuosos da mente a interpretações totalmente diferentes umas das outras seja de uma norma seja de um texto num qualquer documento. Isso talvez explicasse porque o direito era tão aliciante mas, para ele Juiz, as decisões eram sempre uma tarefa árdua e difícil pois elas tinham de fazer sentido quer para si mesmo quer para as pessoas a quem as decisões se destinavam. Aquelas cartas que o marido tão desprezivelmente veio exibir aos olhos do tribunal eram afinal os lancinantes gritos de socorro de um amor desfeito na tempestade incontrolável em que aquele lar antes sereno se transformara. O Juiz decidiu pela entrega da filha mais velha aos cuidados do pai que assim não perderia o elo à família e poderia mais ser ajudado que ajudar a filha arvorada de repente em dona de casa, mantendo a mais pequena entregue aos cuidados da mãe. Esta decisão enfureceu ainda mais o pai todo poderoso que perdendo a compostura e a razão pegou no revólver que tinha em casa meteu-o na gaveta do carro e dirigiu-se ao tribunal para enfrentar o Juiz e pessoalmente lhe apresentar o que se poderia chamar um recurso radical da sua sentença. Entrou pelos corredores, afastou quem dele se aproximasse para o travar, ultrapassou o atónito escrivão e sem bater à porta entrou desalvorado pelo gabinete do Juiz.

"*Feche a porta por favor*" foi tudo o que ouviram dizer ao Juiz. Ficaram todos à espera dos tiros e olhavam uns para os outros perplexos, amedrontados, numa ansiedade indescritível. Nunca se soube o que verdadeiramente aconteceu lá dentro. Nem o Juiz nem o Administrador deram alguma explicação sobre o diálogo travado no segredo e na penumbra daquele tosco gabinete de trabalho forrado de livros e processos de alto abaixo. Passaram-se muitos anos e o Administrador voltou a casar e convidou o Juiz para o seu segundo casamento. Continuaram a cumprimentar-se respeitosamente mas o Juiz não esteve presente nas núpcias continuando a cultivar o seu distanciamento. Mandou-lhe, no entanto, com alguma antecedência, numa caixa de sapatos, as cartas da primeira mulher que num dia tresloucado lhe confiara, com um cartão a desejar-lhe felicidades e os votos de que nunca voltasse a receber cartas semelhantes. As duas filhas foram ao casamento do pai. Já eram uma senhoras. Da mãe nunca mais o Juiz ouviu falar ou ouviu o que quer que fosse. Talvez se tivesse evaporado.

O olhar do velho Juiz fixou-se com evidente curiosidade na jovem que se levantara no banco dos réus e o olhava com um sorriso malicioso e desafiante como se soubesse que tinha atingido o único ponto vulnerável daquela muralha empedernida e até ali inexpugnável.

UM HOMEM DE PASSAGEM

A jovem nascera numa família pobre, muitos irmãos e irmãs que ao longo dos anos da sua curta infância se desvaneceram no espaço. Partir para a grande cidade era uma miragem irresistível mas ela foi ficando para trás, era a mais nova, a ajuda da sua mãe para ir apanhar os gravetos para fazer o fogo que sempre trazia à cabeça ginasticando o pescoço e criando aquela elegância altiva que cedo começou a atrair os olhos dos homens da aldeia e dos que por lá passavam. Sobretudo estes falavam-lhe das maravilhas de Luanda.

“Aquilo sim, é que é vida... não falta trabalho nem diversão...havias de gostar...”

“Não me parece, os meus outros irmãos foram e não voltaram, aquilo deve ser um buraco sem fundo, quem lá cai nunca mais...”

“E depois? Quem está bem não se muda... quem vive em Luanda quer lá mais saber desta solidão...”

“Então o que estás aqui a fazer, tu?

“Destino menina... vim aqui uma vez de passagem e te vi e não te esqueci... agora vem comigo para a cidade e deixa esta pobreza...”

“Esta pobreza é a minha mãe... não a vou deixar nunca, o que seria dela sem a minha ajuda?”

“Mas tu acreditas mesmo no que estás a dizer? A tua velha tem aqui muita família para cuidar dela... a vida dela já foi, já passou, tu tens de viver a tua vida... a tua, estás a entender... e se não viveres agora vais acabar igualzinha a ela... aí dependente, sem nada, nem para recordar...”

A jovem resistiu durante algum tempo mais, mais um ano ou dois, a mãe devia ter adivinhado algum pensamento num certo momento em que o seu olhar parou distraído na curva do caminho, o molho da lenha na cabeça, a mão na anca redonda e perfeita.

“Minha filha, em que estás a pensar? Não gosto dessa tristeza”

Qual tristeza, mãe, tu sabes eu nunca estou triste... estava só a pensar, porque é que nunca temos notícias dos meus irmãos?

Então é isso, estavas com a cabeça na cidade... ai minha filha... um dia vais saber... todos temos que aprender à nossa custa...”

“Mãe, tu nunca quiseste deixar isto aqui, ir para Luanda, ter com os outros filhos...?”

“Estou muito bem aqui, ir então na cidade fazer mais o quê? Estou velha, a vida me deu muita coisa... muita coisa... depois me tirou tudo... tudo mesmo, o marido morreu, os filhos viajaram sem dar mais notícias... só ficaste tu, és uma boa filha, cuidas de mim... até um dia...”

Hum! ... até sempre, minha mãe, nunca vou-te deixar aqui eu sei quem sou, tua filha, para te cuidar, tu és eu e eu sou tu... não troco o que sou por outra vida em que não sei o que vou ser...”

Aquele homem de passagem voltava todos os anos como um cobrador de dívidas cada vez mais impaciente e por isso também mais insidioso.

“Não gostas de mim? Então porque é que me recusas?
“Gostar é uma coisa, o que tu queres não é gostar de mim é me desfrutares como se eu fosse uma manga madura e depois atirares fora o caroço para os gafanhotos debicarem...”

"Mas eu não te quero deitar fora, por isso te disse já mais de mil vezes para vires comigo, acompanha-me para Luanda, lá tenho uma bela casa, podes mandar vir a tua mãe... sabes que eu me preocupo com ela, eu também quero o seu bem-estar... podemos ser uma família..."

"Sim, isso era bom... podia procurar os meus irmãos, a minha mãe ia gostar de voltar a ver todos os filhos outra vez... e tu és um homem de palavra... há três anos que me procuras..."

Embalada pelo sonho, a jovem sentiu o abraço apertado do homem de passagem que buscava ansioso a polpa dos seus lábios de menina mas esta esquivou-se deixando o ouvido à mercê daquela boca que só pronunciava palavras tentadoras, que nunca tinha ouvido, que a deixaram numa vertigem que a fez esquecer quem era para também ser ele, a sua boca e a dele, os seus braços e pernas multiplicados por dois, um corpo só, a arder até à sua total consumação.

No dia seguinte logo de manhã o homem de passagem já partira. Mas ficou também dentro da jovem que continuou a esperar pela sua volta, o cumprimento das promessas feitas no auge do seu amor, e teve de se contentar com a criança que nove meses depois nascia e a quem pôs o nome de Saudade. Naquele ano e nos seguintes as caravanas voltaram a cruzar o caminho da aldeia mas o homem de passagem não voltou a passar. A Saudade crescia e a jovem mãe só queria morrer. Valeu-lhe a sua mãe com a sua longa experiência de surpresas e de aceitação do que a vida lhe dera e implacavelmente lhe tirara.

"Minha filha, olha, éramos só as duas... agora somos três... três mulheres que só podemos fazer uma coisa: lutar, lutar sempre, a vida é assim... tudo, mas tudo mesmo, vale mais que morrer."

MUDAR DE VIDA

O eixo viário trepava como uma serpente escura a grande barroca vermelha que se ergue acima do velho santuário da Mãe Nazaré. Àquela hora que se aproximava do fim do dia o ar ficava um pouco mais fresco e era a melhor ocasião para subir a pé desde a baixa até ao alto do morro. Aí, no alto das cruzes, Miguel continuava a sua marcha internando-se pouco depois pelas ruas familiares do bairro operário. A casa onde vivia com a sua velha mãe e os irmãos mais novos era como quase todas as outras, dando para a ruela esburacada, a porta sempre aberta, os miúdos correndo à sua frente nas suas brincadeiras sem fim, enquanto Miguel carregando a sua maleta de trabalho transpunha o limiar e penetrava na penumbra da casa, atravessava a pequena sala de entrada e seguia pelo estreito corredor como um túnel que desembocava na luz do pequeno pátio, o seu pequeno paraíso.

"*Então meu filho, como foi o dia?*" Era a voz cansada da mãe vinda de qualquer lado de dentro da casa.

"O mesmo de sempre... bati quase todos os comerciantes da baixa... todos se queixam da crise... acho que vou mudar de vida, vou começar a estudar à noite mãe...".

"Acho bem meu filho... o meu coração fica sempre tão apertado com as tuas viagens pelas províncias... esse mundo é perigoso de mais meu filho, devias mesmo voltar aos teus estudos, tens boa idade para ser doutor... podes ter um futuro bom para me dares uma velhice descansada..."

"Vou pensar mãe, vou pensar muito bem... mas vou sentir muito a falta..."

"Falta de quê, Miguel? Falta de correria, de conhecer uma mulher hoje aqui outra ali... isso não é jeito... tu tens mesmo de assentar meu filho...".

Miguel fizera o propósito de voltar aos estudos... e com o mesmo empenho, dedicação e ardor que punha em todos os seus empreendimentos, galgou de novo os bancos da universidade e ao fim de alguns anos estava a abraçar a mãe chorosa de alegria e orgulho acenando garbosamente as insígnias da sua licenciatura em direito.

Não foi fácil esquecer as viagens para o interior na busca de produtos para os seus clientes em Luanda, os kilómetros sem fim na velha carrinha do sócio capitalista, as estradas de terra batida, a poeira dourando as folhas das árvores do caminho, ou à noite os olhos dos animais que testemunhavam a sua passagem até parar quase a morrer de sono na primeira estalagem onde pudesse dormir mesmo a céu aberto, contando as estrelas. Tudo isso ficou para trás como se tivesse sido outra vida. Enquanto adormecia num fofo monte de palha nalgum celeiro transformado em albergue de passagem, Miguel lembrava olhando o céu, que as estrelas se constelavam figurando uma forma, um rosto que lhe sorria e o chamava e ele adormecia sonhando com aquela aparição celestial que se tornava o seu mais ardente desejo terreno.

Miguel passou a ser um leitor infatigável. Descobriu por si que podia viajar mais nas páginas de um livro que percorrendo o mapa de África e do mundo, para não falar nos seus itinerários de milhares de kilómetros através do Kwanza, Malange, Huambo, Bié, Moxico, Lundas e mais longe ainda... mas cada vez que se fixava numa paixão literária que lhe incendiava a imaginação eram as chamas daquele rosto que conhecera, beijara e amara nas terras do fim do mundo que lhe afloravam ao pensamento.

Miguel tinha um temperamento apaixonado, arrebatado, nunca aceitando um não como resposta e era ao mesmo tempo paciente, capaz de esperar uma eternidade pelo sim da mulher que desejasse e teve muitas. Como um marinheiro que tinha uma mulher em cada porto, Miguel tinha um amor em cada província que visitava, de tal modo que quando planeava as suas muitas viagens enquanto andou no comércio de produtos da terra, as províncias tinham um rosto e um nome que nada tinha a ver com a sua designação administrativa. O seu sócio ria-se muito de ver as suas anotações e desenhos de rotas que Miguel ia garatujando no seu caderno de notas e achava cinicamente que as musas inspiradoras eram afinal uma espécie de combustível grátis para propulsão dos seus negócios.

Com o tempo, porém, Miguel foi esquecendo um a um esses rostos que tanto o acalentaram como estrelas que empalidecessem com a alvorada e se dissolvessem no brilho de cada nova manhã agora dedicada ao estudo e à leitura imparável. Contudo, tal como uma nódoa renitente que não sai por mais água e detergente que se aplique no pano, um desses rostos persistiu na memória afectiva de

Miguel perseguindo-o mesmo durante o sono, como uma assombração.

A pouco e pouco, uma recordação que devia evaporar-se como todas as outras foi-se condensando no ar formando uma nuvem carregada que ensombrava a vida de Miguel que se refugiava nos estudos como um soldado numa trincheira. A guerra tinha mesmo criado fronteiras um pouco por todo o lado e Miguel ainda que quisesse um dia, tinha de abandonar no dia seguinte o propósito de se lançar novamente à estrada para acabar com aquela maldição que não o deixava em paz consigo mesmo. Miguel não sabia porquê, porquê só no caso daquela mulher que ele seduzira lá nos confins do mundo, o seu rosto que já devia ter esquecido há muito, voltava todas as noites nos seus sonhos como um bumerangue cintilante que ele corria como louco para lhe escapar, mas que não o largava fossem quais fossem as voltas e corrupios que desse como se ele fosse teleguiado para irremediavelmente o atingir. Como acontecia cada vez com mais frequência, o seu pesadelo terminava com um golpe que lhe acertava na nuca fazendo-o acordar sobressaltado levando a mão ao pescoço e olhando a mão antevendo ver o sangue de uma ferida que só existia na sua fantasia febril.

As próprias leituras que tanto o animavam tinham-se tornado elas também instrumentos de tortura que alimentavam as suas noites de castigo, pois cada mulher apaixonada que um livro descrevesse logo adquiria as feições da mulher que ficou lá longe recuada para lá das linhas de combate que tinham também aberto uma ferida latente na própria terra. Miguel foi repetindo como se recitasse uma oração

sempre igual que ela tinha existido numa outra vida, num outro país, que na verdade até podia não ter existido e que tudo não passava de uma alucinação.

Miguel, habitualmente galanteador e conhecido como grande namorador foi-se transformando, não apenas aos seus olhos mas aos olhos dos seus amigos, tornando-se reservado, como se tivesse medo dos seus próprios pensamentos, solitário e absorto como se vagueasse perdido por um deserto.

Na faculdade de direito Miguel compensava esta visão obscurecida da sua antes resplandecente personalidade com a consideração de aluno compenetrado, apenas devotado ao estudo, quase não olhando nos olhos das colegas, sobretudo das mais bonitas e afoitas que o procuravam com os olhos e com as mãos, procurando chamar a sua atenção, a sua simpatia e o seu desejo. A sua severidade e austeridade acompanhada do modo de vestir sóbrio como já convinha a um futuro profissional do foro foram criando uma inesperada imagem que nada ou muito pouco tinha que ver com aquela que os seus familiares, amigos e vizinhos do bairro operário tinham conhecido.

Depois de licenciado Miguel achou que tinha de pôr uma pedra no seu passado e para ser fiel à imagem que de si próprio foi construindo concorreu à magistratura. Como juiz, ele tinha que cultivar a distância, a discrição e mesmo a indiferença por situações em que noutros tempos se precipitaria a tomar partido. Talvez por isso mesmo os seus amigos e familiares já festejavam o surgimento

de um advogado brilhante destinado a defender de forma apaixonada grandes causas, com um grande futuro pela frente.

Foi portanto uma bomba que detonou em plena festa de formatura, que decorreu na sua casa no Bairro Operário e que extravasou para a rua em que se montaram mesas e cadeiras cobertas de iguarias e muita bebida, quando Miguel disse em tom que a todos pareceu de brincadeira: "*Bom, meus amigos, aproveitem hoje para fazerem tudo o que quiserem porque daqui para diante quem prevaricar vai ter de se haver comigo, não vou ser um juiz de mão mole, não senhor, comigo vais ser sempre doa a quem doer".*

"Deves estar a brincar Miguel, todos aqui contamos contigo para nos defender não para nos condenares... era só o que faltava..."

"Não estou a brincar... pensei muito bem no quero ser e fazer e acho que ser juiz é o que eu serei capaz de fazer melhor, porque tenho consciência para distinguir o bem do mal, o justo do injusto, mesmo que seja uma coisa de algum de vocês, meus amigos, ou mesmo de mim próprio... o advogado sempre encontra desculpas mesmo para justificar o injustificável."

Foi assim que Miguel foi concorrendo aos lugares que se abriam em sucessivos concursos de magistratura até ser nomeado com juiz de menores e de família num Tribunal de Luanda. Qualquer semelhança sua com o Miguel caixeiro viajante, atravessador de sertões da sua juventude era pura coincidência. O bigode fino de galã que ostentara nesses anos de desbravador de sertões e de raparigas apaixonadas

foi-se engrossando e ficando grisalho e a pouco e pouco foi rapando a cabeça para não se notar o cabelo encanecido pelo tempo. Para grande desgosto da mãe que o queria ver casado e a dar-lhe netos, Miguel manteve-se um solteirão empedernido. Chegou a pensar em casamento duas ou três vezes, nunca se soube muito bem se para satisfazer as tentativas da sua velhota ou se por vontade de cicatrizar alguma ferida que sempre se manteve aberta no seu coração. Chegaram os amigos a acreditar quando o viram acompanhar uma das pretendentes, o Miguel timidamente pegando-lhe na mão mas ninguém podia ver como na sua alma aquele contacto físico estava longe de matar a saudade que ainda estava guardada no seu coração. Como se Miguel, tal como um cego quisesse encontrar pelo tacto a mulher que um dia lhe impregnou para sempre todo o seu ser, alterando a sua composição química, tornando-o imune a qualquer outro amor.

Miguel poderia ter casado apenas para dar uma alegria à sua velha mãe. Mas esta faleceu, já com uma idade avançada, e Miguel sentiu-se libertado desse compromisso latente de constituir família. Os seus filhos passaram a ser os irmãos mais novos de quem agora cuidava como verdadeiro pai na sua nova casa do Bairro do Cruzeiro, onde o Dr. Miguel era considerado já agora não apenas pelo seu cargo judicial mas como um mais velho a quem se devia todo o respeito e quase veneração.

Contudo, se Miguel se obstinava contra a ideia de se ligar definitivamente a uma só mulher isso não queria dizer que não continuasse a levar discretamente para a sua cama quanta mulher

conhecesse e que de algum modo o fizesse recordar a mulher que tanto o encantara nas terras do fim do mundo. No seu universo feminino de faz de conta Miguel procurou em dezenas ou centenas de mulheres a única que o satisfaria e que perdera para sempre. Escusado será dizer que inutilmente, porque cada uma delas se era capaz de lhe oferecer uma ilusão momentânea, terminava sempre e invariavelmente por lhe acumular o ressentimento surdo contra si próprio. Muitas delas teve de mandar embora sem mesmo lhes chegar a tocar enquanto em relação a outras se contentava em vê-las dormir ao seu lado e se porventura ao despertar quisessem dizer alguma coisa ele logo com um dedo sobre os lábios prevenia qualquer deslize que poria fim ao elusivo encantamento: "*Não digas nada*". Miguel que escolhera a profissão de juiz para mudar de vida para inexoravelmente separar o bem do mal, o trigo do joio, não conseguia evitar ser ele próprio um condenado a procurar o seu bem entre as flores do mal.

A JOVEM DELINQUENTE

Tinha herdado a beleza da mãe, os seus olhos eram uma cópia daquelas duas amêndoas negras e brilhantes... quase parecia que à medida que se ia tornando mais mulher e a mãe ia envelhecendo e se alquebrava pelos trabalhos no campo, elas eram uma e a mesma pessoa em idades diferentes.

Eram de resto muito diferentes em tudo.. a mãe sempre agarrada à terra, àquela aldeia perdida nas terras do fim do mundo, continuando como sempre os gravetos à cabeça para cá e para lá com o seu

pensamento perdido no tempo e no espaço... a filha sempre rebelde sonhando apenas em escapar ao mesmo destino.

A guerra que as condenava a uma resignação aparentemente sem apelo, ia subitamente mudar o curso da sua vida.

O crepitar do motor do Jeep militar começou a ouvir-se na distância antes de a nuvem de poeira a aproximar-se da aldeia se transformar num inferno inesperado.
Os homens com os seus camuflados gastos e as armas na mão saltaram da viatura e desataram às rajadas para o ar.

"Onde estão os homens nesta aldeia?"

"Só mulheres velhas e crianças..."

" Aquela ali já não é criança... vamos levar para o chefe... ele vai-nos agradecer e esquecer o défice de recrutamento..."

"Vamos sobe já para o Jeep... que é que estás à espera?"

Os gritos e o choro desesperado preencheram o silencio depois do ronco ansioso do Jeep se diluir na curva da estrada vermelha na mesma nuvem de poeira que o trouxera.

"Saudade? Isso é nome?"

“Nasci depois de nove meses de espera... de mim e do meu pai que nunca conheci...”

“E a tua mãe, continua a esperar?”

“Já morreu... de saudade...”

“Pois então agora vais mudar de nome... vais ser Soldada...também se morre de o ser mas, com uma arma na mão, a vida tem outro sentido...tu vais ver...”

Assim Saudade mandou a saudade embora e com uma arma de guerra na mão prometeu a si mesma que havia de transformar o seu destino. Já não era uma garota indefesa e sozinha... mas uma fera que viu crescer as garras e a sanha de matar sempre que fosse preciso escolher entre ela e qualquer outro.

O primeiro que ela matou foi o primeiro homem que a possuiu e lhe exigiu o seu amor contra a sua vontade e contra o seu desejo. As correrias pelo mato, com uma arma na mão, completou o seu treino como guerrilheira que rivalizava com as onças capazes de se confundirem com as sombras e saltar sobre os alvos menos prevenidos.

Numa bela manhã de sol, em cima de um camião que transportava mantimentos, Saudade tomou a súbita decisão de escapar àquele destino. Agarrando-se, como ela, às cordas que prendiam as embalagens de batatas e arroz destinadas ao campo militar, Clarice a

sua companheira de infortúnio negou-se veementemente a participar na fuga.

“Eles agarram-te outra vez e vais sofrer ainda muito mais...”

“Nada, vou conseguir só tenho que esperar a oportunidade nesta estrada...”

O camião parou agora num dos controles militares. Depois das saudações do costume, o condutor foi obrigado a esperar pelo comandante do posto que naquele momento estava ocupado.

“Aonde?”

“Está ali” disse o jovem militar apontando para uma cabana de colmo e madeira “*... apareceu uma visita...”*

Do alto do camião Saudade viu abrir-se ao longe a porta do casebre e de lá sair o “Comandante” de barba crescida, camisa aberta e ainda apertando o cinto das calças .... como ela todos estariam concentrados no homem que se dirigia para o posto e para a camião parado. Era o momento perfeito para tentar desaparecer no mapa.

É uma loucura, vais-te perder no mato e ser devorada pelas feras...”

“Prefiro correr de uma onça que ter de enfrentar aquele homem ali... vou saltar antes que ele me veja...”

Com um gesto decidido deitou-se sobre a carga e com um impulso dos braços deixou-se escorregar para o chão onde rolou sobre o capim que crescia à berma do caminho. Como um lagarto assustado, Saudade rastejou pelo meio do capim até alcançar amaita que se erguia mais densa pouco adiante que denunciava a presença de um curso de água.

O "Comandante" aproximava-se agora com passo decidido e os seus olhos faiscaram ao ver a rapariga empoleirada na carga transportada o camião.

"Para onde levam essa miúda?"

"São duas chefe, estão connosco na guerra..."

"Só vejo uma..."

"Clarice, onde está a Saudade?

"Fugiu?"

Num ápice os homens do posto empunharam as suas armas e iniciaram o tiroteio e a impiedosa perseguição em direcção à mata onde esperavam apanhar a fugitiva viva ou morta.

Saudade sentiu o escaldão na perna da bala que ainda ricocheteou num pedra à sua frente. Levou a mão à perna rasgada e deu um grito de dor mas não parou de correr. O pequeno rio estava ali à sua

espera e ela teve a certeza que só ele a podia salvar. Mergulhou e sentiu a corrente empurrá-la suavemente... agora só tinha que escapar do alcance visual dos militares. Sentiu a água fria anestesiar a dor que a ferida causada pela bala e agarrou-se a uns galhos e ramagens que flutuavam na corrente. Era uma camuflagem inesperada naquela sua tentativa de ficar invisível aos olhos carregados de ódio e despeito dos seus ferozes perseguidores. Ainda ouviu os estampidos e as vozes alteradas dos homens, mas pouco depois enquanto deslizava pelo rio cada vez mais rápido deixou de ouvir os tiros e as vozes foram-se confundindo com a aragem roçando pelas margens e o borbulhar das águas rodeando as pedras que indicavam a proximidade da cachoeira. Saudade agarrou-se como pôde às pedras que se avolumavam diante dela enquanto a água parecia ferver à sua volta... tinha de se aguentar em cima delas e tentar esgueirar-se até à outra margem se não queria precipitar-se no abismo que adivinhava à sua frente. Agarrando-se a uma pedra e depois a outra gatinhando para contrariar a corrente, Saudade acabou por chegar extenuada mas aliviada à outra margem...deixou-se espreguiçar, com uma vontade irreprimível de dormir depois de tantas horas desperta e sobressaltada... olhou o rasgão na perna e deixou-a ficar dentro de água observando o sangue espalhar-se e dissolver-se na água como uma pequena nuvem de fumo no ar. Sentindo a dor desaparecer Saudade adormeceu alheia aos perigos que a cercavam.

Quando acordou Saudade reiniciou a sua fuga procurando encontrar um refúgio em alguma aldeia próxima. Saudade sabia bem demais como era tudo precário e arriscado em cada aldeia da região desde

que a guerra se instalara. Estava já habituada a encontrar em cada pequena povoação a desolação que alastrava como um signo de desgraça. À medida, porém, que avançava na sua fuga desordenada, Saudade dava-se conta de que se habituava àquela maldição tornando-se parte dela.

De aldeia em aldeia, de camião em camião e de homem em homem Saudade percorreu um longo e sinuoso percurso que a conduziu finalmente à fervilhante capital do país. Durante dias correu pressurosa os bairros e as suas multidões em busca dos tios que há muitos anos tinham vindo tentar a sua sorte para Luanda. Um mundo novo, estranho, desabrido, em que a criminalidade campeava, absorveu-a completamente quando finalmente se resignou a viver sozinha e a contar só com ela própria e com a sua arma. Tinha que sobreviver e ela era a prova viva disso mesmo. Ali onde todos procuravam a paz e parecia ser uma enorme ilha afastada do conflito armado a guerra fazia-se por outras formas. Quando encontrou o Fagulha e o viu actuar num assalto espectacular, Saudade soube que encontrara o companheiro que precisava para lhe dar a dose de segurança que lhe faltava apesar da voluntariosa confiança que foi ganhando em si mesma.

O assalto à casa do Dr. Miguel, no Bairro do Cruzeiro, foi apenas um dos muitos levados a cabo pela Saudade e pelo Fagulha. Embora Saudade se tenha introduzido silenciosamente por uma das janelas e aberto sem o mínimo ruído a porta da cozinha nas traseiras, Fagulha esbarrou numa coluna encostada a uma parede da sala principal, ostentando um vaso com avencas que cresciam e vicejavam para

encanto e prazer do velho Juiz que as contemplava enquanto escrevia as suas sentenças, tranquilamente sentado à mesa que tanto servia para as suas refeições como para o seu trabalho. O velho Juiz gostava de sentir ou imaginar o perfume que se desprendia das suas frondes alongadas que quase tocavam o chão e orgulhava-se de outras propriedades calmantes daquela planta, desde logo a popular tradição de que ela servia para espantar o mau olhado.

Agora o vaso quebrou-se no chão e o barro quebrado ecoou pela casa como uma parede que tivesse desabado. O Dr. Miguel levantou-se num sobressalto e a tactear pela porta e pelas paredes como se fosse um cego naquela escuridão sentindo o aroma da avenca derramada e irrompeu pela sala encarando resoluto a luz que brilhava nas mãos do Fagulha. Apesar da desvantagem da idade avançou para o rapaz com uma bengala que tinha à mão de semear desferindo-lhe um golpe que lhe feriu a testa ao mesmo tempo que o agarrava pelo braço forçando-o a largar a lanterna que rodopiou pelo soalho. Saudade correu a agarrá-la e nesse instante o foco iluminou-lhe o rosto.

"Naihole?"

Fagulha aproveitou a momentânea desorientação do seu agressor para se desembaraçar dele e com um puxão do braço que o prendia lhe arrancar a bengala e com ela vibrar-lhe uma pancada tão violenta na cabeça que o velho Juiz rodopiou sobre si mesmo e caiu estatelado no chão.

"*Que foi que ele te chamou*? E passando a mão pela testa dorida onde o velho lhe acertara com a bengala gritou, e vendo o sangue nos dedos, rebuscou no bolso a pistola que trazia para as grandes ocasiões gritou "*eu vou matar este velho filho da puta*".

"Não Fagulha, não o mates... "

"Porquê ? Diz-me lá porque é que eu não mato já este cabrão de merda?

"Não sei porquê... mas Naihole era o nome da minha mãe..."

A SENTENÇA

O advogado de defesa olhou com curiosidade o semblante do Juiz aparentemente absorto e muito longe dali... apesar de fixado nos réus que aguardavam a interpelação habitual de início do julgamento durante um tempo que lhes parecia uma eternidade.

Um silêncio pesado tinha caído sobre a sala de audiências quando inesperadamente o Juiz, em vez das habituais perguntas, abriu o processo e embrenhou-se na sua leitura como se fosse a primeira vez que o fazia, pontualmente espreitando os réus como se quisesse verificar alguma correspondência ou probabilidade entre eles e o que constava dos autos.

De surpreso, o advogado de defesa passou a inquieto, quando os réus lhe fizeram por gestos apelos para que se aproximasse.

"O que é que estes me querem agora?... não é este o melhor o momento..." mas, vencido pela curiosidade, remexeu-se na cadeira procurando atrair em vão o olhar do Juiz para lhe pedir licença para se aproximar dos seus clientes... macaqueou uma espécie de vénia que substituiria o pedido e deslizou até ao banco dos réus aproximando o ouvido dos dois jovens arguidos.... o cochicho fê-lo arregalar os olhos de súbito espanto e tal como se aproximou voltou, preocupado, repetindo a vénia, para o seu lugar na bancada de defesa.

"Meritíssimo Juiz, posso...?"

O Juiz ou não ouviu ou apenas ignorou a interpelação do apreensivo advogado de defesa que lentamente se deixou afundar na sua cadeira enquanto o Juiz prosseguia concentrado na sua leitura dos autos... os quais, aliás, não revelavam nada que o Dr. Miguel não estivesse farto de examinar, assaltos à mão armada, roubo e mortes numa sucessão de violência que era um triste sinal dos tempos. O que, porém, tornava aquele caso tão estranhamente diferente dos demais era o facto dos dois acusados trazidos diante dele para o seu severo julgamento serem alguém que ele já conhecera em plena acção delituosa... na sua própria casa e na sua própria carne. O Dr. Miguel ainda não esquecera a bengalada que o deixara contundido e desmaiado sentindo junto ao nariz a sangrar o cheiro da terra e da avenca derramadas pelo chão. Poderia ele ser um juiz vingativo? Havia um bom motivo e tinha agora a oportunidade... não seria, aliás, por isso que o advogado dos réus se mostrava tão angustiado, ele bem o vira a conversar com os réus, não ouviu nem podia ouvir o que lhe terá sido dito mas estava certo de que não precisava. Arriscaria, então, o ilustre advogado, movido pelo sentido do dever, pedir a sua substituição no julgamento daquele processo? Não, ele não seria um advogado muito sabedor, mas não era estúpido... nenhum Juiz estaria mais manietado do que ele para agravar a pena aos réus ou não fosse a acentuação da sanção logo interpretada como um iníquo acto de vingança do julgador ofendido. O advogado devia compreender que o facto de ele ser também uma vítima dos seus clientes acabava por ser, para eles e para ele também, uma sorte em vez de um azar, uma bênção aparentemente disfarçada de maldição. Não, definitivamente ele não seria um juiz vingativo, e o advogado de defesa, vencida a sua primeira hesitação e atrapalhação, dar-se-ia bem conta disso,

conhecendo, como conhecia bem, a sua reputação de juiz incorruptível.

Embora parecendo continuar a ler e a olhar furtivamente para a acusada, o velho Juiz na verdade pensava... como diria o Poeta, nem sempre conseguindo pensar o que devia pensar... ele que sempre considerara ter as duas principais qualidades de um juiz: a coragem, para decidir, doesse a quem doesse e não temer nada nem ninguém e, por outro lado, a incorruptibilidade, a sua capacidade para, não mencionando sequer a aceitação de um suborno, não julgar fazendo distinção de pessoas, isto é, não olhando a caras...

No entanto, o velho Juiz observava a cara da acusada que o fitava com um misto de medo e curiosidade. Embora procurando ostentar impassibilidade, também ele, pela primeira vez na sua vida profissional sentiu o medo infiltrar-se dentro de si. Tremia de medo, sim, sabendo-se um juiz justo e incorruptível, ao contrário do juiz iníquo do Novo Testamento que acabou por fazer um acto de justiça à viúva insistente e teimosa, sentir-se capaz e à beira de praticar uma injustiça a uma filha de alguém que ele conhecera e amara há tanto tempo...

Como tantas vezes o fazia, olhou o tinteiro sobre a mesa e a sua figura decorativa em bronze da Justiça com a sua tradicional venda sobre os olhos, a espada na mão... e, mais uma vez, pensou o que não devia, como seria bom que aquela venda também cobrisse os seus olhos impedindo-o de distinguir um único rosto entre as dezenas, centenas, milhares que tinha julgado ao longo da vida... até àquele

rosto que era a cópia perfeita daquele que o tinha acompanhado nas suas noites de insónia e de busca desesperada da sua paixão perdida. *"Não olharás a caras ao administrares justiça e não receberás suborno*"... um ditame bíblico que ele tinha interiorizado como uma marca da profissão que escolhera e à qual se havia devotado como a uma religião. Num ápice lembrou os muitos casos em que fechando os olhos a rostos amigos tomara as decisões que considerava justas e não se arrependia... mas, como evitar a entrada em cena de um sentimento sorrateiro de alguma compreensão por quem, por razões estritamente pessoais, esperava dele alguma leniência e adaptabilidade às suas situações?

Medo que ameaçava transformar-se em pânico, por muito que o disfarçasse e quase deixava à solta o desejo de se levantar e desertar daquela sala de audiências quando, súbita e nitidamente como uma revelação divina, se apercebeu que não era apenas a filha de Naihole que tinha de julgar... mas a sua própria filha!

E agora, o Dr. Miguel cogitava olhando mais uma vez para o tinteiro e a figurinha de bronze que o acompanhava... "*vamos prosseguir com este julgamento de uma vez... ou vamos dar ao advogado de defesa mais um argumento para um pedido de suspeição*?" Livrar-se imediatamente daquele processo era uma tentação cada vez maior... mas iria ele ceder? Viu-se a si próprio de espada na mão, a venda a tapar-lhe a boca e os olhos bem abertos...

"Levantem-se os réus..."

Seguiram-se as perguntas do costume a que Saudade e Fagulha, sucessivamente, responderam a contento... e de acordo com o que já abundantemente constava dos autos. Seria um diálogo neutro como tantos os que se escutam todos os dias nos tribunais... mas, para o velho Juiz foi como voltar à conversa interrompida nas terras do fim do mundo quando ele era por lá apenas um homem de passagem.

Ouvidas as testemunhas de acusação e de defesa, os primeiros a fornecer os necessários detalhes de todas as malfeitorias praticadas pelos dois meliantes e os segundos relatando as condições de vida miserável em que os mesmos viviam, servindo a estratégia de demonstrar que quem comete os crimes não são os criminosos mas a sociedade que os envolve, seguiram-se as alegações dos advogados de acusação e de defesa, procurando dar expressão a um antagonismo mais aparente que real. Para o acusador do Ministério Público não podia haver qualquer dúvida sobre a pena a aplicar os réus, pois de que outro modo se poderia castigar um ladrão e um assassino... já para a defesa, a culpa era toda da sociedade violenta em cuja teia os acusados foram apanhados.

"Meritíssimo, repare nesta pobre rapariga, no que ela sofreu às mãos de guerrilheiros impiedosos, que apenas lhe ensinaram o ressentimento, o rancor, o ódio... que vem parar a esta cidade num turbilhão de sentimentos, onde procura sem descanso os seus irmãos, os familiares e se acha, por fim, completamente desenraizada, desesperada, deixando-se arrastar para a única forma de vida que aprendera, de violência..."

"*E o senhor Advogado acha que a ré não sabe distinguir entre a vida e a morte, entre o bem e mal?*" interrompeu o Juiz olhando para Saudade que se mantinha serena como se adivinhasse, pelo menos, a sentença que a esperava.

"Não tenho dúvidas Meritíssimo de que a ré sabe fazer todas essas distinções mas o que eu queria que o Tribunal compreendesse é que ela não teve escolha... e não tendo escolha, não teve culpa... e não tendo culpa, não deve ser condenada ao inferno que é a prisão para o resto da sua vida!"

"*Ela não teve escolha*" então esse era o caminho para apagar os crimes cometidos por aquela rapariga que era sua filha... mandava-a em paz ... e ele, o pai? Como ficaria se tivesse ele essa escolha? Em paz? Desde quando a paz à custa de uma vida humana? O Juiz pensava, como sempre havia pensado antes: nada pode justificar o crime ou a morte.

A verdade é que quanto mais pensava mais o Dr. Miguel se ia internando no seu próprio labirinto, ele próprio construído com caminhos que tanto podiam ir no sentido do bem ou levar ao mal... os dois lados desse labirinto como o espelho um do outro. Não era já com a culpa da acusada a quem lhe competia julgar que o velho Juiz se debatia mas com a sua própria culpa... a culpa de ter abandonado Naihole depois de a ter seduzido com tantas promessas de amor que nunca foram cumpridas. Por ele... já que Saudade, aquela jovem mulher acusada de uma vida criminosa, fora o resultado do amor de uma mãe que, mesmo deixada no fim do mundo, a trouxe a este

mundo perigoso e sem grande respeito pela vida. Sim, ele tinha que reconhecer a sua culpa em toda aquela sucessão de crimes de Saudade e Fagulha e de nada lhe valiam as desculpas da guerra, da extrema dificuldade de voltar ao Kuando Kubango... do tempo que passou inexorável e do caminho fácil da substituição de Naihole em *degradé* por todas mulheres que a recordavam... mas Saudade e o seu companheiro de vida e de crime, teriam igualmente de reconhecer que tinham falhado... por muito violenta a sociedade em que viveram, sempre podiam ter feito melhor. Não é dizer com a facilidade do advogado de defesa que não tiveram escolha. A verdade é que todos temos uma escolha entre dois caminhos e nem sempre escolhemos o melhor, pensava o Juiz, procurando ser o mais objectivo e honesto consigo próprio e com os outros, como nunca tivera de se esforçar tanto no passado.

Ele, embora culpado, tinha-se a habituado a viver sem Naihole, o seu amor de juventude perdido... a questão era saber se poderia agora viver com a filha desse amor que lhe chegou do passado sob a forma de uma ladra e assassina sob a sua justiça. Sim, essa era a questão, mas antes tinha de proferir a sua sentença naquele caso. Mal ouviu os advogados a pedirem castigo, justiça, benevolência, para os réus... esqueceram-se de pedir benevolência, justiça e castigo para ele também que era ao mesmo tempo o Juiz e o réu oculto naquele caso. Quem tinha uma venda nos olhos ali eram os advogados, pelo menos relativamente a ele próprio, mas a espada, a dura espada estava tão só e somente nas suas mãos e ele sabia que dum mesmo golpe faria justiça para os dois lados, o visível e o invisível... não seria mais como em casos anteriores julgar os periféricos, fazer sentir o peso da

justiça à superfície das águas e deixar correr... era entrar no centro do furacão, julgar o centro de si mesmo, o seu próprio coração, sentir o peso da justiça, ir até ao mais profundo do seu ser, lavando toda a sua existência.

O olhar do Dr. Miguel tinha ganho um brilho especial, tão diferente do aspecto baço e espesso demonstrado durante o julgamento... como se naquele momento mágico tivesse adquirido a certeza de que, se pudesse voltar atrás, não voltaria a deixar Naihole, como o fizera há tantos anos, como se, de algum modo, deixasse de ser o velho Juiz e voltasse a ser o homem novo que se apaixonara tão longe dali. O tempo e a distância dançavam na sua mente ao mesmo tempo que um sentimento de paz foi tomando gradualmente conta de si enquanto completava mentalmente a sentença.

Saudade e Fagulha foram condenados a prisão por muitos anos. Teriam muito tempo para reflectir nos erros que cometeram. Mas não estariam sozinhos. O Dr. Miguel estaria sempre com eles. A prisão não seria o inferno para eles. Se o inferno, como dizia Dostoiévski, era um lugar onde nunca mais se pode amar, a prisão seria para ele o único lugar do mundo onde ele poderia voltar a amar!

Era uma extraordinária ironia do destino ser uma jovem delinquente a devolvê-lo ao estado de pureza da sua alma!

Sentindo as portas da prisão fecharam-se pesadamente atrás de si, o velho Juiz soube que também para ele começava um tempo de expiação... mas, paradoxalmente, também de renovação e libertação.